

**ONDE ESTÁ A DANÇA DA PRETAGOGIA?:  
Metodologia antirracista para criar e ensinar dança**

Keila Estefany Danielle de Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO**

O objetivo desse artigo é apontar como a Pretagogia(PETIT,2015) pode ser inserida no campo de conhecimento da Dança como metodologia antirracista de ensino e criação. Esse caminho desobediente é necessário também porque visa combater técnicas de controle das subjetividades mesmo num campo artístico que se propõe a questionar violências sociais, porém no seu interior reproduz lógicas de subordinação e exclusão de corpos. Proponho-me, portanto, a relembrar o que é essa filosofia africana e como tenho articulado nas minhas práticas enquanto artista-mediadora da dança neste longo percurso espiralado no qual eu sou continuidade das minhas mais velhas que já trilham estudos afrodiáspóricos numa perspectiva antirracista da dança antes mesmo do meu nascimento. Observo que estudos como esse devem ser sistematizados e registrados para o enfrentamento de outra ordem do racismo estrutural.

**Palavras-chave:** Pretagogia, Filosofia Africana, Metodologias Negras em Dança, Educação Antirracista.

**WHERE IS THE PRETAGOGY'S DANCE?:  
Anti-racist methodology to create and teach dance**

**ABSTRACT**

The purpose of this article is to point out how Pretagogy (PETIT, 2015) can be inserted in the field of knowledge of Dance as an anti-racist methodology of teaching and creation. This disobedient path is also necessary because it aims to combat techniques to control subjectivities even in an artistic field that proposes to question social violence, but within it reproduces logics of subordination and exclusion of bodies. I propose, therefore, to remember what this African philosophy is and how I have articulated it in my practices as an artist-mediator of dance in this long spiraling path in which I am a continuation of my older ones who already thinking Aphrodiasporic studies in an anti-racist perspective of dance even before my birth. I observe that studies such as this one must be systematized and registered to face structural racism.

**Keywords:** Pretagogy, African Philosophy, Black Methodologies in Dance, Anti-racist Education.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Dança pela Escola de Dança da UFBA. Técnica em Dança pela FUNCEB-Fundação Cultural do Estado da Bahia. Mestranda no PPG Dança-UFBA. Membro do GIRA- Grupo de Pesquisa em Cultura Indígena e Afro-Brasileira(UFBA). Artista da dança move-se com os estudos da diáspora negra. E-mail: [keia.estefany@ufba.br](mailto:keia.estefany@ufba.br) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7144606153691335>

## Estação I - Pretagogia

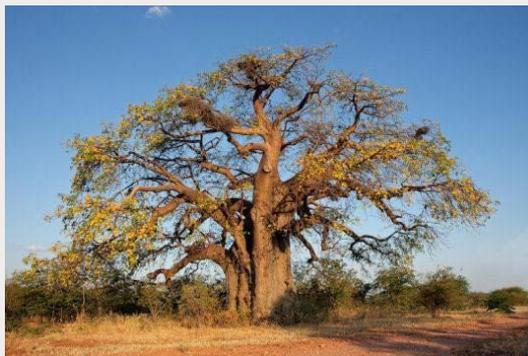


Figura 1. Árvore baobá africana (imagem conservada em estoque). *Crédito:* © EcoView/ stock.adobe.com. *Fonte:* imagens Google. Para todos verem: imagem de uma grande árvore com múltiplos galhos preenchidos com folhagens esverdeadas sustentados por um tronco grosso marrom. Céu azul sem nuvens ou pássaros. Solo terroso e mais ao fundo, pasto verde.

*Ri Ro Ewá!* Saudações à dona da minha cabeça, que minhas palavras possam ser guiadas pelo seu encanto. Agô! Peço permissão aos meus ancestrais, as minhas mais velhas e mais velhos para atravessar essa encruzilhada acadêmica de ordem (i)material.

Você que optou por investir seu tempo nesta leitura, meus agradecimentos pela sua energia e disponibilidade. Não se surpreenda na subversão dessa escrita-diálogo que embora seja uma produção acadêmica não se limita aos seus *white.models* e por isso opto aqui por falar em primeira pessoa, e por conversar contigo de maneira horizontal, inclusive, coloquial e por vezes utilizando da ironia entendido aqui que

[...] a ironia e o riso tem o objetivo de deslocar o olhar para o que está posto de forma séria e sisuda. Possibilitando, deste modo, novas expectativas e novas estratégias a diferentes saberes e fazeres artísticos, ao estabelecer comunicação com as coisas sérias do mundo. Não apenas de modo contemplativo, mas, sobretudo, de modo provocativo, questionador e transgressor da realidade vivenciada.(PAIXÃO; SANTOS, 2017, p.168).

Diferentemente da metáfora ou da metonímia, a ironia tem arestas; diferentemente da incongruência ou justaposição, a ironia consegue deixar as pessoas irritadas; diferentemente do paradoxo, a ironia decididamente tem os nervos à flor da pele. Enquanto ela pode vir a existir através do jogo semântico decisório entre o declarado e o não declarado, a ironia é um modo de discurso que tem “peso”, no sentido de ser assimétrica, desequilibrada em favor do silencioso e do não dito. (UTCHEON, 2000, p. 63 *apud* PAIXÃO; SANTOS, 2017, p.161).

Interrompemos nossa programação para informar que: o fato de ter localizado o conceito antirracismo não significa que a pauta desse escrito é a branquitude e que devo me debruçar sobre as mazelas que a mesma criou para o meu povo, e muito menos me desgastarei discutindo teoricamente esse lugar de poder que não me pertence. Contudo, menciono educ.ção antirracista<sup>2</sup> como uma defesa à destituição de humanidade que a educação colonial-branca xilogravou em corpos negros.

Ao defender metodologias afrorreferenciadas, como essa da Pretagogia, dentro deste contexto ocidental dado, onde a guerra racial está imposta, estamos, portanto, assumindo uma postura de defesa e de

2 “Educação antirracista refere-se a uma vasta variedade de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial e para eliminar formas de discriminação e opressão, tanto individual como institucional.”(TROYNA;CARRINGTON, 1990, p. 1 *apud* FERREIRA, 2012, p.276).

aterramentos nas nossas cosmopercepções. Posto isso, lhe convido para essa refeição farta sem substâncias cancerígenas.

Gostaria de iniciar localizando de onde parte minha cosmopercepção de mundo e de educação descrevendo algumas narrativas do meu corpo. Eu sou uma menina-mulher negra de corporeidade também masculina, tenho 1,68cm, estou num corpo magro, possuo cabelos escuros médios-longos para cima, de textura 4bc. Meu olhar castanho é penetrante, depois de tantos dribles na morte não tem nada que me assuste fisicamente. Minha pele lembra um pastel furadinho, tenho cicatrizes de espinhas e uma pele oleosa. Tenho pelos avantajados que tentam cobrir as minhas *afro-tattoos*, nos braços, dois adinkras: uma *sankofa* e um *akoma Ntoso* que me lembram sempre dos quilombos (grupo de percussão e dança afro-brasileira *É Di Santo*, coletivo de danças populares brasileiras, *Espírito de Zumbi*, e a ONG *ORPAS- Obras Recreativas, Profissionais, Artísticas e Sociais*) que me formaram, e da trajetória de muita malandragem que eu tive que ter para chegar até aqui. Na panturrilha direita, outra afro-tattoo feminina com cabelos de oceano, rosto de África, pernas de tentáculos floridos, sustentando em suas mãos o planeta. Catou?!

Um dia desses estive em uma das aulas do *Mestrado Profissional em Dança da UFBA* comentando sobre minha experiência com a Pretagogia na época do estágio final da Licenciatura em Dança, que sigo com essa investigação agora no Mestrado Acadêmico. E aí alguém me perguntou: “onde está a dança da Pretagogia?!”.

No meu íntimo eu dei uma risadinha, mas entendi que o óbvio também precisa ser dito, e agradeço esse comentário que me proporcionou um estalo criativo para elaborar esse artigo.

Em primeiro lugar, é importante compreender a filosofia da Pretagogia, ilustrada aqui pelo Baobá (árvore dos saberes africanos). Isto quer dizer que anterior aos procedimentos didáticos-metodológicos das aulas existe uma cosmopercepção de mundo que configura as suas escolhas estéticas, alimentares, espirituais, comunitárias, políticas, na direção disruptiva dos aprisionamentos coloniais do seu corpo. Ou seja, a Pretagogia não é “nenhum receituário de técnicas” (PETIT, 2015, p.155), é necessária vivência no corpo e o resto será consequência desse aterramento.

A nível de contextualização do surgimento da Pretagogia, trata-se de um

[...] **corpus conceitual de ensino e de pesquisa** criado pelo Núcleo das Africanidades Cearenses (NACE) em função do I curso de Especialização Pós-graduação Lato Sensu em História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes, **voltado à formação de Professores/as de Quilombos** no Ceará; [...] Esse curso de especialização foi aprovado em Edital lançado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD/MEC, **com o intuito de desenvolver formação continuada e produção de material didático** para as comunidades remanescentes de quilombos; [...]um **projeto piloto** de formação continuada **para a aplicação da Lei nº. 10.639/03**.(SILVA, 2013, p.62, grifo nosso).

A Pretagogia é, portanto, um aforreferencial teórico-prático sistematizado pela doutora e mestre em ciências da educação pela Paris 8, graduada em línguas estrangeiras, professora na Universidade Federal do Ceará, e coordenadora do NACE, senhora Sandra Petit, e sua orientanda, coordenadora pedagógica desse curso de especialização mencionado acima, doutora em Educação, Geranilde Costa e Silva, no qual reúne conceitos operatórios e marcadores de africanidades identificando os saberes-fazeres dos corpos negros-africanos em diásporas e em seus solos-mãe.

Em linhas muito gerais, na live *Pretagogia, Ancestralidade e Educação*, ocorrida no dia 24/04/2021, disponibilizada no canal *Pensar Africanamente*, a professora Sandra Petit apresenta os conceitos operatórios

da Pretagogia de maneira “atualizada” em comparação aos descritos em 2015 no seu livro *Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores*, sendo esses:

Quadro 1 – Conceitos Operatórios

<p><b>Ancestralidade/Processos iniciáticos</b></p>	<p><b>Linhagem(ns):</b> biológica(s), com agregados/as, e seres sob diversas formas (do Orun, da galáxia, natureza, mundo mineral, símbolos de sacralidade); linhagens simbólicas como as linhagens de ofício, do terreiro, da capoeira, relações de compadrio, pessoas referências da comunidade, da família - temporalidade circular - simbologia - ritual - educação iniciática - Corpo Memória</p>
<p><b>Pertencimento Afro</b></p>	<p>Vivências - interação - empatia - informações - práticas de conexão - práticas corporais, práticas artístico-culturais, autobiografia (enraizamento), autoimagem, biografia comunitária, simbologia do nome ou apelido, senso de destino/ propósito - objetos símbolos de mim</p>
<p><b>Espiritualidade</b></p>	<p><b>Relação com o cosmos (somos o cosmo)</b>  <b>Senso afrocomunitário</b> - troca/cosmoconexão/ tudo em tudo, todos em todos/roda (todos cabem) /incorporação de seres/energias e elementos/ solidariedades  <b>Sacralidade do Corpo, do Movimento</b>  <b>Falas da Oralidade</b> (todas as formas de comunicação do corpo, inclusive semióticas, também o silêncio)  <b>Senhoridade</b> - relação com os mais velhos e relação intergeracional  A expressão do <b>Corpo-Dança Afroancestral</b> (Dança como comunicação com o Divino/o movimento na sua essência/o movimento dádiva)  <b>Cuidado</b> consigo e com o outro  <b>Hospitalidade</b>/receptividade/interação e integração do outro e da outra como renovação/ ressignificação/as pessoas na pessoa  <b>Oferenda</b> - o aceitar dar e também receber como agradecimento/ dádiva/ potência/ reenergização</p>
<p><b>Transversalidades</b></p>	<p>Perpassa várias áreas de conhecimento sem fragmentação, fluindo  Admite e promove <b>diversidade de linguagens/ tecnologias:</b> do corpo, da literatura oral, das oralidades em geral, pode dialogar com o virtual e o eletrônico, mas não isola essas dimensões das éticas e estéticas afroancestrais  <b>Constrói</b> o conhecimento de modo mais circular do que linear, com muitas aberturas e possibilidades de compreensão  <b>Transita</b> nas coisas da vida, como na expressão “capoeira na roda, capoeira na vida” (com gingas, esquivas, singularidades, astúcia e agilidade, enfrentando e admitindo o amigável, o conflituoso, a imprevisibilidade, sempre na conversa com os seres e os elementos)  Realiza <b>alacridade:</b> investindo com intensidade no fomento da potência da alegria, da festa, do júbilo, levando a sério a alegria, com dedicação, força vital  Incorpora ludicidade, o <b>brincar</b></p>

Conceitos Operatórios. Fonte: elaboração própria (2022). Transcrição dos compartilhamentos atualizados de Sandra Petit na live *Pretagogia, Ancestralidade e Educação*, ocorrida no dia 24/04/2021, disponibilizada no canal *Pensar Africanamente*. Para todes verem: tabela com os conceitos operatórios e seus respectivos entendimentos.

São esses conceitos basilares para o entendimento dessa filosofia africana, a Pretagogia. Geralmente, quando ouvimos a palavra filosofia acreditamos que só existe uma, a Grega. Porém, é justamente o oposto que o filósofo Dr. Renato Noguera argumenta em seu livro *O Ensino da Filosofia e a Lei 10.639/03* em que trabalha o conceito de filosofia como a elaboração do pensamento, e justifica a falta de conhecimento a respeito de filosofias pluriversais<sup>3</sup> devido ao racismo epistêmico.

A razão metonímica, que está na base de alguns argumentos filosóficos, é sempre um instrumento epistemicida, isto é, desqualifica e recusa os saberes que não se enquadram em seus registros. Para dizer de outro modo o que está em jogo aqui é uma briga contra a colonização do pensamento. (NOGUERA, 2020, p.32).

Para refletir sobre o que é filosofia africana, Noguera destaca dois filósofos, Paul Hountondji e Kwame Appiah.

Os dois filósofos oferecem perspectivas distintas. Enquanto o primeiro reitera que por filosofia africana se deve entender o conjunto de reflexões filosóficas feitas por africanas e por africanos, Appiah inscreve a filosofia dentro da tradição ocidental.(NOGUERA, 2020, p.73).

Ora, pelos critérios dos filósofos Hountondji e Kwame Appiah, a Pretagogia está correspondente à uma filosofia quando é pensada por pessoas negras-africanas em diásporas, ou por ser considerada “produto de uma história; cânone de temas; e método argumentativo” (APPIAH, 1997, p.128-129 *apud* NOGUERA, 2020, p. 73). Entretanto, essas reflexões eu proponho como um acréscimo-argumentativo, pois quem defende a Pretagogia como também Filosofia é a própria autora por entender filosofia

[...] como mais que um discurso instituído por filósofos profissionalizados ou consagrados historicamente pela matriz europeia. Todos filosofamos, em qualquer lugar do planeta, sem pretendermos a título de filósofo, podemos construir conceitos e de fato o fazemos diuturnamente sem mesmo nos darmos conta, no que ele chama de plano de imanência, que é **o domínio das práticas e vivências**. Quando esses conceitos são problematizados, migram para o plano de consistência, transformando-se em conceitos filosóficos. (PETIT, 2015, p.181, grifo nosso).

A partir dessas colocações é possível entender que a Pretagogia levanta uma série de discussões a respeito das imbricações de raças e poder na nossa sociedade, também localiza saberes negros e indígenas não somente de forma genérica, mas descrevendo esses caminhos. Quando cito “necessário entendimento da filosofia no corpo”, significa um real envolvimento com as práticas comunitárias negras-indígenas, assim como constante pesquisa.

Abraçar estas perspectivas a respeito da relação com o outro, com a natureza, com o mundo, com o alimento, com o dinheiro, com a espiritualidade etc., geralmente não vislumbradas nos padrões normativos que comumente vivenciamos sem questioná-los, nos colocam em outras camadas de compreensão das

3 “[...] existem vários universos culturais, não existe um sistema único organizado em centro e periferias, mas um conjunto de sistemas policêntricos em que o centro e periferias são contextuais, relativos e politicamente construídos.”(NOGUERA, 2020, p.34).

sociabilidades e de escolhas formativas para nós e para os nossos.

Ufa, dei uma cansada. Vamos tomar água?! Pausa pra aguinha e um chocolate, já continuamos. 5'.

## Estação II - Dançando a Pretagogia

Voltei! Vou lhe contar viu. Salvador, tem um encantamento inexplicável. Agora são 6h53, o sol está tão brilhoso, os passarinhos cantam gratuitamente. A natureza é tão generosa! Não é bonita essa imagem dos passarinhos cantando entre si sem cobrar nada?! rsrsrs.

Então, vamo simbora! Um caminho inicial para responder aquela pergunta “onde está a dança da Pretagogia”, é olharmos com criatividade para o que a Sandra Petit está chamando de *Marcadores das Africanidades*.

Lembrando que o fato de incluir esses Marcadores no plano pedagógico não garante que você esteja assentada na Pretagogia, pois, como já foi dito, primeiro é necessário a compreensão dessa filosofia no seu corpo, além disso um dos pontos cruciais da Pretagogia é o comprometimento com uma Educação Antirracista, e para isso é importante que você se localize na dinâmica racial do nosso contexto Brasil, e estude sobre as contribuições dos negros e indígenas na nossa sociabilidade.

O que tem de professores de dança que dizem trabalhar com conteúdos afroperspectivistas, nas palavras do filósofo, Dr. Renato Nogueira “filosofia afroperspectivista é uma maneira de abordar as questões que passam por três referências: 1º)quilombismo; 2º)afrocentricidade; 3º)perspectivismo ameríndio” (NOGUERA, 2020, p. 46), que gritam com os alunos, constrangem, humilham, xingam, verbalizam que a pessoa não serve para tal técnica, excluem determinadas corp.oralidades<sup>4</sup>, elegem um biotipo para expressar o que seria dança de verdade, desconsideram os referenciais das alunas substituindo por algum autor branco, pois é, isso mesmo que você leu, tem professor que consegue trabalhar danças negras sem sequer citar um(a) autor(a) negro. kkkk.

Ou seja, será que Educação Antirracista combina com punição? com gritos? com constrangimentos? com métodos avaliativos que reduzam as complexidades de vida e de produções artísticas das alunas e alunos à uma nota numérica? De onde vêm essas concepções de educação?!

Esses *Marcadores das Africanidades* indicam nossas relações com a África. Sandra Petit identificou 30, contudo, compreendendo que África é gigante não podendo de maneira alguma ser interpretada como genérica, os marcadores não são fixos e únicos. Dado o caráter “essencialmente propositivo, potencializador” (PETIT, 2015, p. 150), a Pretagogia é flexível, e aberta às inventividades.

---

4 “[...] Leda Martins, ao expandir o conceito de oralitura, abre um campo perceptivo para que entendamos que as culturas de tradição oral, para além do verbo, da vocalização das palavras, também grafam, desenham saberes com seus corpos. Ou seja, a noção de oralidade não deve ser entendida somente como uma ação da voz.” (SANTOS, 2022, p.8).

## Quadro 2 – Marcadores das Africanidades

<ol style="list-style-type: none"> <li>1. História do meu nome;</li> <li>2. Histórias da minha linhagem, inclusive agregados;</li> <li>3. Mitos/lendas/o ato de contar histórias/valorização da contação de histórias;</li> <li>4. Histórias do meu lugar de pertencimento/comunidade/territorialidades e desterritorialidades negras (movimentos de deslocamentos geográficos, corporais e simbólicos);</li> <li>5. Sabores da minha infância – pratos, modos de comer e o valor da comida;</li> <li>6. Pessoas negras referências da minha família e da minha comunidade e pessoas negras referências do mundo, significativas para mim;</li> <li>7. Simbologias da Circularidade: tempos cíclicos e da natureza;</li> <li>8. Práticas e valores de Iniciação/Ritos de transmissão e ensino;</li> <li>9. Mestras e Mestres negras/negros (da cultura negra);</li> <li>10. Escrituras Negras;</li> <li>11. Curas/Práticas de saúde;</li> <li>12. Cheiros “negros” significativos que nos trazem memórias;</li> <li>13. Festas afro da minha infância e festas de hoje;</li> <li>14. Lugares míticos e territórios afromarcados (investidos pela negritude);</li> <li>15. Músicas/Cantos/Toques/Ritmos/Estilos Afro.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>16. Danças afroancestral;</li> <li>17. Cabelo afro (encaracolado/cacheado/crespo) - práticas corporais de afirmação e negação dos traços negros diacríticos;</li> <li>18. Representações da África/Relações com a África;</li> <li>19. Negritude – Forças e Resistências;</li> <li>20. Artesanatos;</li> <li>21. Outras tecnologias (exemplos, pinturas, parangadinkra, adinkras, situando de qual África estamos falando e quais etnias)</li> <li>22. Valores de Família/ Filosofia da família que herdamos de geração em geração que às vezes não identificamos como de origens africanas</li> <li>23. Racismos (perpetrados e sofridos);</li> <li>24. Formas de conviver/laços de solidariedade/relações de comunidade;</li> <li>25. Relação com a natureza;</li> <li>26. Religiosidades Pretas;</li> <li>27. Relação com as mais velhas e os mais velhos;</li> <li>28. Vocabulário/formas de falar;</li> <li>29. Relação com o chão (vivências e simbologias);</li> <li>30. Outras Práticas corporais (brincadeiras tradicionais/jogos e outros).</li> </ol>
---	---

Marcadores das Africanidades. Fonte: PETIT; ALVES, 2015, pp. 138-139. Para todes verem: tabela com os marcadores das africanidades enumerados.

A reflexão que pode lhe ajudar é: como aproveitar esses *Marcadores das Africanidades* traduzindo em conteúdos para práticas corp.oraís<sup>5</sup> de Dança?. A seguir veja você uma ilustração de ideias-sugestões de procedimentos-metodológicos com o Marcador: *Curas/Práticas de saúde*

5 Corp.oraís = corp.oralidade (SANTOS, 2022).



Figura 2. Cosmograma corp.oral; elementos para compor metodologias de dança com os Marcadores das Africanidades. Fonte: Elaboração própria(2022). Para todes verem: palavras descritas em preto dispostas na espacialidade de uma encruzilhada, intermediadas por um círculo vermelho.

Aqui temos uma representação gráfica da estrutura metodológica que articula como entrada-mote-ignição-*start* criativo um Marcador de Africanidade numa concepção da circularidade atravessada pelos elementos de Tempo e Espaço. A seguir podemos compreender o que são esses cosmogramas nas palavras da professora Leda Martins,

O aforisma kicongo, “Ma’kwenda! Ma’kwisa!, o que se passa agora, retornará depois” traduz com sabor a idéia de que “o que flui no movimento cíclico permanecerá no movimento”. Essa mesma idéia grafa-se em uma das mais imponentes inscrições africanas, trancriada de vários modos nas religiões afro-brasileiras, os cosmogramas, signos do cosmos e da continuidade da existência. Nessa sincronia, o passado pode ser definido como o lugar de um saber e de uma experiência acumulativos, que habitam o presente e o futuro, sendo também por eles habitado.(MARTINS, 2002, p.9).

Pronto! Observe que na escolha do caminho das memórias da infância pode-se trabalhar como alimento criativo os cheiros e as gestualidades que compõem essas lembranças. Entrecruzando dinâmicas de tempo e espaço. Nesses aguçamentos das memórias podem surgir outros recursos como cantigas, palavras-chave, e trejeitos das *personas* revisitadas. Note que, o próprio experimento corporal já é em si o que podemos chamar de uma “composição de cena dançada”, sem a obrigatoriedade de contar uma história com começo, meio e fim, ou a busca de uma formatação-padrionizada resultante do processo criativo-experimental.

Na outra esquina, na mediação de uma prática de cura, é viável enfatizar o campo sinestésico como material criativo. Por exemplo, se a escolha para mediação for uma prática de automassagem, como seria palpável estudos de outras camadas para a metáfora do toque? com abertura tanto para ponderar sobre o carinho e afeto que é negado, historicamente, à corpos negros quanto à examinar a própria ação do tocar; quais fâscias são acessadas ao tocar minha pele, meus músculos, meus ossos, o volume do meu corpo, o que pode ser percebido em termos de qualidades do toque no sentido de densidade, velocidade, texturas,

e sensações?. E jogar também com esses achados sensíveis, estabelecendo acordos inventivos nos quais a materialidade para mover-se e brincar é a imaginação afetada pela experiência sinestésica no instante presente.

Topa fazermos um experimento Pretagógico aqui-agora? Eu e você? Vamo simbora!

1. De início, peço que você aperte a mandíbula com gentileza, implicando uma força mediana a fim do seu corpo entender um indicativo de atenção x presença.
2. Agora relaxe a mandíbula, sinta seus pés no chão. Qual temperatura você percebe? Está suando ou está geladinho?
3. Aterre a sola dos seus pés neste chão. E vamos iniciar uma respiração guiada. Respire profundamente e solte aos poucos, seus dentes estão cerrados e o ar quente que sai da sua boca faz um tímido som fffff/sss/xxxx. Depende do que for mais confortável para seu trato vocal.
4. Agora vamos estabelecer uma contagem fácil, inspire pelo nariz em 4t, segura o ar 8t, e solte lentamente o ar pela boca em 8t, significa que no tempo 4 o ar está mais localizado na região peitoral. Segura sem ar por 4t, e repita o procedimento (4x).
5. Neste instante, solicito que você pegue uma folha em branco, e uma caneta/lápis.
6. Pegou?. Então, feche os olhos e resgate na sua memória 7 mulheres que sejam referenciais para você. De alguma maneira, só você sabe como, elas foram cruciais no seu entendimento de mundo, influenciaram seus gostos culinários, musicais, vestimentas, comportamentos e até decisões.
7. Agora que elas estão fresquinhas nas suas lembranças, o exercício é escrever algumas linhas apresentando essas figuras e agradecendo-as pelo o que elas tenham lhe agregado. Porém, seu desafio é apresentá-las com um jogo de palavras sem o apelo literal, sem explicar descritivamente quem são elas.
8. Leia em voz alta essa escrita sobre suas Yabás.
9. Pronto, atribua agora uma gestualidade para cada Yabá, pode ser uma gestualidade que ela mesma faça, ou uma tradução dessa escrita em movimento.
10. Repita algumas vezes esses gestos seguidos, não precisa acompanhar um formato rígido de repetição, vai reproduzindo conforme seus sentipensamentos.
11. Coloque, neste instante, em seu aplicativo de música uma canção que aqueça seu coração, sinta a música e tente acoplar os movimentos que você experimentou na pulsação dessa música.

Se desejar compartilhar, filme seu achado e me marque nas redes sociais @\_keuoliveira; ou me encaminhe por e-mail, vou adorar lhe prestigiar. [keila.estefany@ufba.br](mailto:keila.estefany@ufba.br)

Um outro caminho para responder aquela questão: “onde está a dança da Pretagogia”?, é dar um chacoalhão na senhorita Dança. Que agora que atingiu a “maioridade”, está se achando completamente independente, com doutorado no próprio campo, com autores e autoras próprias, congressos científicos, e produção de novas epistemes está se sentido neutra, se esqueceu dos parentes. como dizia minha bisã “*Oh minha filha*”, você não é neutra não vuh?! Toda escolha estética, e de conteúdos-metodológicos fazem parte da elaboração de um pensamento filosófico. De algum lugar essas escolhas vêm, elas não estão soltas. E toda escolha é política.

Na filosofia da Pretagogia, se você voltar lá no Quadro dos *Marcadores das Africanidades* no item 16, o que tem aí?!?! *A Dança AfroAncestral*. Entende-se neste afroreferencial que a dança nunca esteve dissociada do corpo negro-africano. Seja em contextos de celebrações, comunicação com a natureza, rituais,

e no compartilhamento de estados festivos coletivos que ao longo da história articulam-se como modos de resistência e manutenção do nosso corpo-arquivo<sup>6</sup>.

E o que é essa *Dança AfroAncestral?* Xiii, isso aí dá muito pano pra manga. Há quem defenda com unhas e dentes que dança afro são as danças dos orixás, seus movimentos estéticos e sentidos simbólicos. Por outro lado, tem quem diz que dança afro são todas as danças negras, as multicorporeidades<sup>7</sup> dos povos negros.

Tenho optado por ocupar-me da investigação dos princípios de movimentos que as danças negras têm em comum tais como mobilidade do quadril, flexão dos joelhos, aterramentos dos pés no solo, mobilidade da coluna, e imprescindível diálogo rítmico. Movimentos que nos (re)conectam com a nossa ancestralidade, pois nunca dançamos sozinhos! Ao toque do batoque reverenciamos nossos antepassados, saudamos-os com gratidão e respeito. Voltamos o olhar sobretudo para o interior, sem que o medo de certo e errado, feio e bonito ocorra, estamos nesses fazeres conectados no plano (i)material com nossas essências.

Enfim, me despeço desejando que essa escrita tenha lhe agregado em algo, e que na ação comunitária como formigas, possamos não desistir!! Ninguém dá nada pras formigas, pois aparentemente são insetos tão minúsculos que não apresentam perigo, meta a mão num formigueiro pra tu vê. Nosso trabalho de resistência é esse! Haaa mas já tem muita gente falando a mesma coisa, exatamente pelo fato da erradicação do racismo ser demorada, talvez não notamos grandes transformações ainda neste século, porém afrofabule você que a sua pentaneta será finalmente livre! Isso dá um gosto danado!

Afroafeto! até mais!

#### Notas

1. A partir do contato com os textos do professor Dr. Lau Santos, me senti bastante animada para escrever novos artigos de maneira desobediente como meu profe. Ele utiliza o ponto identificando palavras múltiplas dentro de palavras comuns para defendê-las conceitualmente. E agora não consigo mais deixar de ver palavras dentro de palavras como no caso de **educ. ação** olha lá a ação dentro do educar. Entendido aqui como constante movimento de atualização de si, reflexões críticas sobre suas escolhas políticas pedagógicas e tentativas múltiplas não generalistas, mas específicas para acompanhar cada aluno(a) nas suas demandas subjetivas, anatômicas, e cognitivas.
2. Outro recurso que o profe. Lau utiliza são os cosmogramas, comuns aos escritos de alguns intelectuais negres tal como Leda Martins. Essas grafias representam outras formas de comunicação a fim de ampliar os sentidos poéticos-sinestésicos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Geranilde. **Pretagogia**: construindo um referencial teórico-metodológico, de base Africana, para formação de professores/as. Tese de doutorado, UFC: Fortaleza, 2013.

FERREIRA, A.J. **Educação antirracista e práticas em sala de aula**: uma questão de formação de professores. R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 21, n. 46, p. 275-288, 2012.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**. In: RAVETTI, Graciella; ARBEX, Márcia (Orgs.). *Performance, exílio, fronteiras* : errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: POSLIT/UFMG, 2002. p. 69-91.

6 “[...]o uso do corpo como local de contestação durante o período escravocrata; [...]esse corpo-arquivo com conhecimentos armazenados é um dispositivo que afronta a colonialidade.” (SANTOS, 2020, p. 8).

7 “O termo aqui colocado tem o seu significado ligado a uma relação de multiplicidade de corpos: espirituais e físicos.” (SANTOS, 2022, p. 21).

NOGUERA, Renato. **Ensino de filosofia e a lei 10639**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2º edição, 2020.

PETIT, S. H. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores. Contribuições do legado africano para a implementação da Lei no 10.639/03. Fortaleza: UECE, 2015.

PETIT, Sandra Haydée; ALVES, Maria Kellynia Farias. **Pretagogia, pertencimento afro e os marcadores das africanidades**: Conexões entre corpos e árvores afroancestrais. In: MACHADO, Adilbênia, ALVES, Maria Kellynia Farias; PETIT, Sandra Haydée (org.). Memórias de Baobá II. Fortaleza: Imprece, 2015.

PAIXÃO, M.L.; SANTOS, M.C. **A ironia, a paródia e o riso como elementos de crítica social na dança brasileira de origem africana**. Rev. Urdimento. Florianópolis, v.1, n.28, p. 159-179, 2017.

SANTOS, Lau. **Èmí, Ofò, Asé**: a Elinga e a dança das Mulheres do Àse. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 10, n. 3, e92149, 2020.

SANTOS, Lau. **Do Oríkì à Elinga**: princípios negro-brasileiros de atuação e encenação. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 12, n. 4, e121971, 2022.

## REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

Pretagogia, Ancestralidade, Educação. 2021. YouTube. 2h20'44". Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=YxL5md18HSQ&list=RDCMUCim1JapL579s1rnaIBpS9dw&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=YxL5md18HSQ&list=RDCMUCim1JapL579s1rnaIBpS9dw&start_radio=1)>. Acesso em: 24.04.2021